

3

Corri legua e corri quadra,  
pensando que ia solito.  
Quando eu olho pra traz,  
Ai, se vinha a cadela aos gritos.

6

Eu sai a trotezinho  
no rumo do véio Estacio,  
me saltou quatro gaúcho  
de facão e bola e laço.

9

Vinha outro dos gaúcho  
Em um bagual tordilhinho.  
Este mo pegou um laço  
desde a cola até o focinho.

12

Antes de eu morrer  
tive um bonito regalo:  
distancia de quatro leguas  
Eu ouvi cantar o gálo.

4

Me atirei no Quaraím,  
naquele nado sem fim.  
Tornei a olhar para traz  
E a cadela atraz de mim.

7

Vinha um desses gaúcho  
Em um bagual colorado.  
Mas ô bagual que corre  
e que me traz atropelado!

10

Vinha outro dos gaúcho  
que nem parecia gente  
pois levou a mão no revólve,  
levantou terra na frente.

5

No descer um costabaixo  
e no subir um chapadão,  
já me afrouxaram as pernas,  
já me esmoreceu o garrão.

8

Vinha outro dos gaúcho  
Em um bagual picaço.  
Torceu o bagual pra um lado  
e me mandou a argola do laço.

11

Chegou o fim da minha vida,  
e é triste de se ver.  
Nos dentes desta cadela  
conheço que vou morrer.

13

Na cochilha dos ventanas  
morreu um forte guerreiro,  
comandante de policia,  
Chico Sôro de Oliveira.

*Sôro* - zorro, raposa, ladrão de galinheiro.

Tambem no Rio Grande do Sul é costume o canto em comum sempre baseado num falso-bordão de terças e sextas.

## Toada do Lauro Louro

SERRA (R. Grande do Sul).

Ve . lho Pau . li . no tem um fi . lho qua . si ho . me, quan . do tem raí . va não  
co . me, Pega a fa . ca e vai bri . gar; Por is . so mesmo que me chamo Lauro Lou . ro, Meto a fa . ca, ti . ro o  
couro e fa . ço bo . tas pra cal . çar.

Velho Paulino  
Tem um filho quasi home,  
Quando tem raiva não come,  
Pega a faca e vai brigar;  
Por isso mesmo  
Que me chamo Lauro Louro,  
Meto a faca, tiro o couro,  
E faço botas pra calçar.